

DESCONSTRUÇÃO DO PATRIARCADO EM PONCIÁ VICÊNCIO: À GUIA DE UM SUMÁRIO

Marluce Freitas de Santana (Pós-Crítica/UNEB)

Orientador: Prof. Dr. Carlos Magno Gomes

Resumo: A tradição patriarcal aprisiona a mulher a papéis submissos de respeito a ordem do pai. Tal estrutura é excludente e reforça a identidade feminina como uma extensão da força masculina. Opondo-se a essa tradição, a crítica literária feminista contemporânea preocupa-se com o questionamento dessas representações para propor o corpo feminino liberado e livre das amarras do sistema patriarcal. Nesta pesquisa, objetiva-se identificar os discursos subversores da estrutura patriarcal no romance *Ponciá Vicêncio* (2006), de Conceição Evaristo. Exploraremos os conceitos de patriarcado, de afro-brasileiro, de feminismo. Propomos o aprofundamento da análise das estruturas subversivas que a narrativa de Evaristo expõe como crítica ao patriarcado. Registram-se os avanços da pesquisa e a incorporação de aportes teóricos referentes ao Feminismo Negro e ao Patriarcado Contemporâneo.

Palavras-chave: Patriarcado. Desconstrução. Feminismo. Afro-brasilidade. Crítica Cultural.

INTRODUÇÃO

Este *paper* registra o processo de evolução da pesquisa de mestrado que tematiza a Desconstrução do patriarcado em Ponciá Vicêncio, cujo objetivo geral busca identificar os elementos estruturais subversivos ao patriarcado presentes na obra *Ponciá Vicêncio* (2006), romance afro-brasileiro da autora Conceição Evaristo. A partir da crítica feminista contemporânea, do feminismo negro e da sociologia de gênero o estudo aponta a ruptura com o sistema patriarcal por meio da valorização da oralidade e da cultura afro-brasileira.

O estudo insere-se na Linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural, Modos de Vida, linha 1 do programa de pós-graduação pós-crítica, da uneb/Alagoinhas e sinaliza para as peculiaridades estruturais da obra, uma narrativa que desconstrói os papéis femininos tradicionais. Tomar *Ponciá Vicêncio* como *corpus* dessa investigação tem a ver com as incursões por esta vertente literária nacional, a literatura afro-brasileira, leituras que revelaram-me o potencial evaristiano, cuja escrita busca, por meio de um *Eu enunciador* afrodescendente, demarcar posição política a favor dos socialmente excluídos e inscrever-se como sujeito identificado às raízes africanas, conforme bem pontua Eduardo de Assis Duarte (2006).

Autoidentificada negra, pois sou neta de uma linda mulher negra e possuo traços fenotípicos de afrodescendência – trago no meu registro de nascimento a designação de cor “parda” – além de, desde muito cedo, senti-me sensibilizada e incomodada com qualquer tipo de discriminação e preconceito, motivei-me a estudar e produzir em torno das questões sobre os negros e negras brasileiras.

Resultante disto, desenvolvi estudos que originaram alguns trabalhos apresentados em eventos acadêmicos, inspirados na paixão que nutro pela obra e pela autora Conceição Evaristo e estimulados pelas inquietações que se fizeram em mim necessidade de contribuir com a produção acadêmica problematizadora das representações canônicas dos grupos subalternizados, dentre os quais, os afro-brasileiros e em especial a mulher negra.

Vale destacar que, por ter formação em Letras, ter ingressado na UNEB como professora de literatura e ter desenvolvido, desde muito cedo, o gosto pelo texto literário, considerei oportuno suscitar reflexões mediadas pelo diálogo entre o texto literário e outras áreas, buscando articular o potencial interdisciplinar intrínseco à Literatura e, também, destacá-la como importante meio de se questionar a realidade, produzir realidades outras, transgredir e subverter o status quo, dado às possibilidades de “trapacear” com, na, e pela linguagem, conforme aponta Barthes (1978).

A afinidade com as discussões sobre os grupos subalternizados encontrou estímulo num certo movimento subversivo, mobilizado pelo pensamento pós-crítico contemporâneo, que busca, do campo linguístico-literário, “violentar a violência colonizadora [...] e promover uma desmontagem permanente das formas de representação do ocidente branco, capitalista, logocêntrico, eurocêntrico, falocêntrico e patriarcal”. (MOREIRA, 2010, p. 139).

Embora existam diversos estudos que partem da obra *“Ponciá Vicêncio”* e problematizam variadas questões em torno da afrodescendência brasileira, mantivemos o interesse de estudá-la, buscando deslindar o universo simbólico do discurso evaristiano, no sentido de fazer vir a lume estratégias e operações desconstrutoras do paradigma patriarcal, a partir de pistas que apontam para tais percepções.

O avanço das mulheres também no âmbito da expressão literária marca uma importante conquista do feminismo, desde Beauvoir (1949), que identificou o mito da mulher e a sua disseminação como sustentáculo ideológico do patriarcado, nos textos escritos pelos homens sobre as mulheres. Todavia, a mitologia feminina patriarcal se mantém, muitas vezes, na escrita de mulheres, cujas obras estão filiadas aos movimentos de emancipação feminina e dos grupos excluídos, mas que ainda operam com essencialismos e polarizações decorrentes da estrutura hegemônica patriarcal. (GLASS, 1989).

Tal problemática instigou o desejo de tomar a mencionada obra como lócus de investigação, partindo da hipótese de que, sendo a autora uma mulher negra que faz da sua arte militância e do seu discurso um contradiscurso de rasura e interposição ao cânone literário, o estudo possibilitará uma crítica no campo linguístico-literário ao paradigma hegemônico etnologofalocêntrico.

Importantes estudos sobre *Ponciá Vicêncio* revelaram o seu engajamento ao núcleo de produções literárias de autoria feminina, cuja escrita assume o lugar político e ideológico de pertencimento e autoenunciação da mulher negra, conforme se constata em Assis Duarte (2006). Partem daí, portanto, os questionamentos que orientam a proposição desta pesquisa:

Seria a obra literária *Ponciá Vicêncio* um contradiscurso à estrutura mítica patriarcal?

Há na escrita evaristiana, em Ponciá, a influência do feminismo contemporâneo?

É possível operar o esvaziamento do patriarcado para fazer emergir outras formas estruturais subjetivas e transgressivas como a oralidade afro-brasileira?

Dar respostas a tais questões requer a formulação de objetivos, estabelecendo diretrizes para o estudo.

Em termos mais específicos, buscaremos caracterizar as principais marcas da desconstrução do patriarcado no romance em destaque; identificar os elementos da subjetividade e ludicidade da narrativa relacionadas à tradição afro-brasileira e comparar a desconstrução do romance tradicional a partir do paradigma feminista de busca de um novo lugar para a mulher no espaço da casa; e ainda, situar a obra como importante discurso crítico-cultural, do ponto de vista da crítica às representações essencializantes do feminino afrobrasileiro.

Espera-se contribuir com a produção de conhecimento sobre as questões de gênero, na perspectiva da crítica ao paradigma patriarcal, a partir da literatura afro-brasileira e da crítica literária feminista contemporânea e do Feminismo negro, promovendo reflexões sobre o lugar da mulher na literatura e a relação disto com a dominação patriarcal, na perspectiva do empoderamento feminino como estratégia antipatriarcal.

1 PONTO DE MUTAÇÃO: O ABALO DO PARADIGMA PATRIARCAL

Muraro e Boff (2010) falam do processo de transição e das transformações provocadas pela aceleração histórica, científica e tecnológica desencadeadas no final do século XX e início do século XXI e como esse ponto de mutação da espécie humana aponta para a emergência de uma nova consciência e de novas formas das relações humanas.

O paradigma civilizatório patriarcal que fundamentou as principais categorias de pensamento e instituições ocidentais instaurou o domínio masculino sobre a natureza, instituindo o exercício do poder como dominação ou hegemonia do mais forte. A racionalidade tecno-científica, que dicotomiza e reduz o complexo ao simples, levou às últimas consequências o projeto androcêntrico,

cujas agressões ao planeta puseram em risco de extinção as diversas espécies de vida, condicionou as relações sociais e naturais à lógica do mercado, instituindo a competitividade e autodestruição como princípios prevaletentes, ao invés da preservação e da solidariedade, comprometendo a qualidade de vida na terra. (Op. Cit. p. 17-8).

Há previsões catastróficas sobre a impossibilidade de reversão desse processo de violência e destruição, caso a humanidade não se reinvente e se aproprie de uma nova consciência, cujos princípios do cuidado, da solidariedade, do compartilhar vida e bens da natureza sejam a tônica. Preconiza-se, portanto, a união de forças e fontes de inspiração, um pacto entre homens e mulheres de valorização da alteridade que rompa com a lógica de dominação patriarcal e falocêntrica.

Nesse ponto, as discussões de gênero constituem estratégia de desmonte e abalo do status quo, conforme preconizam Muraro e Boff (2010, p. 19-20):

[...] o desafio atual consiste em desmontar a dominação dos homens sobre as mulheres, que desumanizou a ambos, mas principalmente as mulheres, mediante símbolos, linguagens, formas de exercício de poder, instituições, visões de mundo, valores e religiões, que levam a marca do antifeminismo e da continuada exclusão da mulher nos processos de decisão.

O patriarcalismo enquanto sistema construído pelo pensamento do homem branco e heterossexual, sempre esteve alicerçado no autoritarismo e na subalternização de certos grupos sociais, tais como, as mulheres, os negros, os homossexuais. Nascimento (2003, p. 65-76) enfatiza que a base ideológica fundante do preconceito racial contra os negros também se reproduz nas relações de gênero, pois que origina-se da concepção de existência de um “ser humano universal”, este masculino, branco e europeu, em oposição ao Outro “não homem”, “não-branco” e “não-ocidental”. Essa hierarquia racial tem suas raízes anteriores ao Século das Luzes, mas se fortalece com o cientificismo proliferado nesse período.

As teorias da hereditariedade conjugaram-se aos interesses colonialistas para definir os padrões de Humanidade que serviram de paradigma para classificar esse “Humano” em oposição a um “sub-humano”. Assim, o patriarcalismo, sustentáculo para o desenvolvimento capitalista burguês, classifica a mulher como segundo gênero, do mesmo modo que o etnocentrismo vê as demais raças como sub-raças:

Estabelecido o modelo do universal humano como masculino e branco, à medida que uma identidade se “desvia” desse padrão, distancia-se da condição humana. Desse modo o racismo e o patriarcalismo se cruzam numa dinâmica de interação e dependência mútua na desumanização desses grupos subordinados. [...] a crítica à dominação racial se entrelaça implicitamente com a crítica ao patriarcalismo. (NASCIMENTO, 2003, p. 68-69).

A Literatura enquanto constructo cultural, à luz das teorizações dos Estudos Culturais, Pós-Coloniais, Pós-Estruturalistas, Feministas e da Literatura Comparada vem desempenhando um importante papel político e ideológico, na medida em que esse campo de estudos se abre para o diálogo interdisciplinar, incluindo abordagens críticas revisionistas que interpelam o cânone e questionam as representações totalizantes e hegemônicas. Nesse sentido, Gomes (2013, p. 33) destaca que:

[...] trata-se de um sistema estético-cultural que tem suas particularidades, com conhecimentos diferentes que têm a função de desconcertar, incomodar, desorientar ou desnortear seus leitores, visto que pertence ao campo da subjetividade [...] mas para um ensino atualizado é preciso avançar além dessas características com um projeto de intervenção política nas aulas de literatura.

A crítica literária contemporânea alinha-se à crítica literária feminista e ao feminismo, este compreendido como pensamento social e político da diferença, para deslegitimar os sistemas representacionais hegemônicos da mulher na literatura canônica. Inicialmente, esses estudos denunciam e problematizam as formas tradicionais de representação da mulher, marcadamente estereotipada. Numa outra ótica, o feminismo crítico busca mapear a diversidade expressiva e subjetividades da autoria feminina (DUARTE, 2003).

A produção literária de autoria feminina no Brasil, a partir de 1980, busca desconstruir os esquemas representacionais ocidentais, deslocando a centralidade do sujeito, homem, branco, bem situado socialmente, voltando-se para “a re-escritura de trajetórias, imagens e desejos femininos”. (ZOLIN, 2009, p. 106).

A escrita de Conceição Evaristo insere-se numa vertente da Literatura Nacional caracterizada pelo discurso literário de representação étnica identitária afro-brasileira, que se origina da necessidade de organização política do/as escritores/as negros/as brasileiros/as que buscam dar resposta coletiva à problemática do preconceito e discriminação racial no Brasil, também manifestado no âmbito das Letras. (SOUZA, 2006).

A obra Ponciá Vicêncio (2003) instiga o aprofundamento de questões em torno das identidades afro-brasileiras femininas contemporâneas e das intersecções históricas, políticas e sociais daí decorrentes, pois traz na tessitura do discurso literário abertura para o diálogo interdisciplinar que atualiza o pensamento acadêmico contemporâneo. (HALL, 2000).

Compreendida como um contradiscurso literário e histórico, apresenta-se como ação político-ideológica que se interpõe ao cânone e faz emergir um discurso histórico Outro, deslocando a centralidade da construção de uma historiografia hegemônica, masculina, burguesa e eurocêntrica,

para atribuir valor aos sujeitos excluídos, dando-lhes voz e autorizando-os sujeitos enunciadorees da própria história, que desafia e desestabiliza a oficial.

Importa destacar as possibilidades de pensar a condição afrodescendente sob o olhar do determinante de gênero, pois, conforme nos alerta Nascimento (2003, p. 71): “O próprio movimento feminista nem sempre se caracterizou por uma consciência dos problemas específicos da mulher negra, conservando por muito tempo a face branca e de classe média da época de Du Bois”.

Esta autora afirma que a crítica ao universalismo ocidental hegemônico e a luta antirracista não pode prescindir da crítica às questões de gênero, que são parte integrante de um mesmo sistema de dominação. “[...] A questão racial e a de gênero, no seu inter-relacionamento, dizem respeito à vivência real dos direitos humanos e da cidadania, e é nesse contexto que a abordagem teórica da identidade ganha sentido” (NASCIMENTO, 2003, p. 77).

A contestação da “Verdade”, construída a partir da legitimação dos representantes do Poder, encontra em Foucault (1998, p. 19) as bases teóricas para se pensar a escrita feminina afrodescendente de Conceição Evaristo como Outra verdade, que desloca, descentraliza e desconstrói o discurso hegemônico, na medida em que faz surgir do entrelace literário, onde linguagem, ficção, memória vivenciada e ativismo social tecem, em tom poético, a trama protagonizada por diversos personagens afro-brasileiros, um contradiscurso que interroga o absolutismo da narrativa literária e histórica canonizadas.

2 AVANÇOS DA PESQUISA

O processo de evolução da pesquisa prioriza a produção rumo à Qualificação e vem seguindo um planejamento proposto desde a concepção do projeto inicial. Sob a avaliação e intervenções necessárias do Orientador, professor Dr. Carlos Magno Gomes, propusemos um sumário que vai aqui comentado. Consideramos pertinente organizar a dissertação em três capítulos, além da Introdução.

Na Introdução apresentamos a problematização do tema, justificando a escolha e delimitando o *corpus* de pesquisa, objetivos, hipóteses. Delineiam-se, também, os caminhos metodológicos adotados e o recorte teórico que fundamentam o trabalho. Insere-se nessa parte do texto o levantamento da fortuna crítica sobre as questões feministas e raciais oriunda dos estudos que tomaram a obra evaristiana por *locus* de investigação. É nesse espaço do trabalho que apresentamos a síntese de como foi concebido, demarcando cada capítulo, tópicos e sub-tópicos de acordo com a formatação do texto.

No primeiro capítulo, sob o título “Relações ideológicas do Patriarcado: questões de gênero e de raça” discutiremos as relações simbióticas entre patriarcado, sexismo e racismo, em suas diversas configurações ideológicas. Para dar conta disso, dividimos esse capítulo em três tópicos, a saber: 1.1 “*O lugar do Pai: da tradição à oralidade*”, onde situaremos as questões da família patriarcal a partir das formulações teóricas de Emanuel Castells (1999).

Pretendemos situar o patriarcado em suas conexões com o projeto de colonização ocidental que implicaram nas concepções sexistas e racistas que fundamentaram o pensamento hegemônico das sociedades modernas, buscando em Carlos Moore (2007) aporte teórico para tais formulações. O tópico 1.2 – “*A desconstrução feminista*” busca compreender o movimento que, numa perspectiva feminista, vai sedimentando o olhar crítico, apontando novas saídas para a representação da mulher. O tópico 1.3 – “*O Feminismo e a luta pelo fim do preconceito racial*”, terceiro desse capítulo, subdivide-se em outros três sub-tópicos: 1.3.1– “*do essencialismo feminista à mobilização dos subalternizados*”; 1.3.2 – “*A Literatura como espaço de resistência feminista*” e 1.3.3 – “*Por um Feminismo negro*” .

Tratam, em suma, de como e porque o movimento feminista assume várias feições para incorporar questões de outros grupos subalternizados, inclusive da mulher negra, marcando posição diante de uma concepção hegemônica e essencialista de representação da mulher branca burguesa. Incorporam-se referenciais que embasam postulações do Feminismo Negro, quais sejam, Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, Jurema Wernek, Patrícia Hill Collins, Luiza Barrios, Matilde Ribeiro e Angela Davis.

O segundo capítulo intitulado A Literatura Afro-brasileira como subversão ao patriarcado contemporâneo subdivide-se em três tópicos: 2.1 – “*A Literatura Afro-brasileira: um contra-discurso etnofalocêntrico*”; 2.2 – “*Oralidade, Subjetividade e Plurivocidade na escrita literária afro-feminina*” e 2.3 – “*Escritoras negras: poética de resistência e afirmação afro-feminina brasileira*”.

Destaca a Literatura Afro-brasileira e sua potencialidade enquanto discurso crítico desconstrutor da centralidade etnocêntrica, falocêntrica e logocêntrica na cultura ocidental, tomando como exemplo a escrita de Conceição Evaristo, Miriam Alves, Carolina Maria de Jesus e Geni Guimarães. Evidencia-se como a escrita literária de mulheres negras brasileiras faz emergir outro paradigma que abala a estrutura enrijecida do poder patriarcal, também representado na escrita de mulheres e homens que compõem o cânone nacional e afirmam padrões do colonizador.

O terceiro capítulo sob o título Ponciá Vicêncio: subversão desconstrutora do paradigma patriarcal desenvolve-se também a partir de três tópicos que representam o ápice da pesquisa, pois trazem as análises dos dados que configuram o corpus e resultados do estudo. No sub-tópico 3.1–

Representações de gênero em Ponciá Vicêncio: inversões, reversões, deslocamentos, busca-se compreender como o patriarcado assume configurações inusitadas na obra estudada, na medida em que os personagens homens do romance são deslocados e a cultura africana emerge sobrepondo-se ao paradigma hegemônico etnocêntrico. No sub-tópico 3.2 – *O espaço do feminino em Ponciá Vicêncio*, pretende-se investigar como as mulheres personagens do romance reinventam outros lugares e modos de ser, buscando alternativas e saídas para o feminino a partir da experiência racial. Por último o sub-tópico 3.3 – *Elementos estruturais subversivos ao patriarcado em Ponciá Vicêncio*, pretende perceber nos meandros da tessitura literária evaristiana mecanismos, formas discursivas e representações passíveis de interpretações subversoras ao paradigma patriarcal.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conquistas das mulheres em todo o mundo, contabilizadas a partir dos anos 60 do século passado, marcam uma longa trajetória histórica de lutas em busca de um tratamento igualitário em termos civis, políticos, sociais e culturais. As mulheres desse século veem muitas de suas reivindicações materializadas, graças à resistência contra a desigualdade, à discriminação, organizada pelos movimentos feministas em suas diversas formas de expressão, contribuindo para um posicionamento estratégico da mulher no espaço público, historicamente delimitado pelas redes de dominação patriarcais e falocêntricas.

Nascimento (2003, p. 115-120) aponta para a desigualdade de tratamento da sociedade brasileira em relação às mulheres e especificamente para com as afrodescendentes. Verifica-se em dados do IBGE mais recentes a crescente ocupação pelas mulheres de espaços anteriormente reservados aos homens, na área educacional, no setor produtivo, na política, enfim, hoje poderíamos afirmar que não há âmbitos sociais e privados nos quais às mulheres seja impossível estar. No entanto, conforme Strey (2001, p. 10), a realidade das mulheres evidencia que essas conquistas “são mais aparentes do que substanciais.”

A imagem estereotipada da mulher como “o segundo sexo”, apropriando-nos das formulações de Simone de Beauvoir, ainda delimita a condição feminina ao poder determinista de uma sociedade machista, falocêntrica e patriarcal. As desigualdades entre homens e mulheres estão patentes na ocupação dos espaços de poder, para citar alguns exemplos, nos postos de mando da política, do mercado de trabalho, na academia, nos meios intelectuais, na mídia etc.

Além disso, o equívoco de considerar a identidade feminina como uma categoria fixa, generalista, em que o nascer mulher define e determina uma condição inegociável levou a se pensar que os avanços conquistados contemplariam equanimemente a todas as pessoas do sexo feminino.

Munanga (2006, p. 133) ao abordar a realidade feminina afro-descendente no Brasil atual chama a atenção acerca de que o fator étnico-racial acrescenta às mulheres afro-brasileiras impeditivos ao usufruto dessas conquistas, se comparadas às mulheres pertencentes a outros grupos étnicos, ou seja, o condicionante racial num país de racismo velado como o Brasil condena a população feminina de descendência africana ao duplo preconceito: de gênero e de raça.

Apesar das transformações nas condições de vida e papel das mulheres em todo o mundo, em especial a partir dos anos de 1960, a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista e ser negra numa sociedade racista. (MUNANGA, 2006, p. 133).

Mesmo após quase dois séculos de abolida a escravidão, a representação da mulher negra na sociedade permanece marcada pelos estereótipos construídos ao longo de uma história que determinou aos negros e seus descendentes uma herança de inferiorização, submissão e exclusão. São as mulheres negras, em sua maioria, que ainda desempenham os papéis de menor prestígio na sociedade, alimentando uma concepção de feminino sob as bases do paradigma euro-etno-falocêntrico. A mulher negra do terceiro milênio continua, em sua maioria, desempenhando funções braçais, insalubres e pesadas, cuidando da casa e dos filhos de outras mulheres que ascendem socialmente.

O feminismo enquanto movimento teorizado cientificamente vem conquistando espaço no meio acadêmico ao longo dos últimos anos, todavia há que se intensificar o debate nas questões relacionadas à intersecção entre gênero e raça, com ênfase para a transitividade identitária da afrodescendência feminina, buscando compreender as implicações advindas da condição de ser mulher negra ou afro-brasileira no Brasil contemporâneo, temática pouco assistida pelo movimento feminista tradicional e pelo Movimento Negro, conforme atesta Munanga (2006, p. 133)

Assim, fazer do romance *Ponciá Vicêncio* mola propulsora para a produção de conhecimento acadêmico em torno da Crítica Cultural, sob o ponto de vista do feminismo contemporâneo posiciona o estudo no front por um compromisso intelectual com as transformações sociais necessárias à contemporaneidade e reafirma a visão foucaultiana acerca do papel desse intelectual. (Foucault, 1998, p. 42).

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BAIROS, Luíza. Nossos Feminismos Revisitados. In: Dossiê Mulheres Negras – Matilde Ribeiro (Org). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis/SC, CFH/CCE/UFSC, v.3 n. 3, 1995, p. 458-463.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- BERND, Zilé. *Literatura e identidade nacional*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011 (Consciência em debate)
- CARNEIRO, Sueli. *Identidade Feminina. Cadernos Geledés*. São Paulo, n. 4 [Mulher Negra], p. 1-6. 1993
- CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 544-552, 1995.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 49, n. 17, p. 117-132, 2003. Quadrimestral.
- CARNEIRO, Sueli. A mulher negra na sociedade brasileira – o papel do movimento feminista na luta anti-racista. In: *História do Negro no Brasil – O negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição*. MUNANGA, Kabengele (Org.). v. 1, Brasília: Fundação Cultural Palmares/MinC, 2004.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. v. 2. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Trad. Natália Luchini. Seminário Teoria Feminista, Cebrap, 2013.
- COLLINS, Patricia Hill. Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro. In: *JABARDO, Mercedes (Ed.). Feminismos negros: una antología*. España: Traficantes de Sueños, 2012. p. 99-134.
- DUARTE, Constância. Feminismo e literatura no Brasil In: *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, São Paulo, set/dez, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010>
- BONNICI, Thomas. *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.
- DAVIS, Angela. *Mulher, Raça e Classe*. Grã Bretanha: The Women's Press, Ltda, 1982. Trad. Livre. Plataforma Gueto, 2013.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O *Bildungsroman* afrobrasileiro de Conceição Evaristo. *Revista de Estudos Feministas*, v. 14, n. 1, Florianópolis, Jan./Abr.2006<<http://ww.scielo.br/scielo.p?lng=n>>: Acesso em: setembro/2013.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Notas sobre a literatura brasileira Afro-descendente*. Belo Horizonte: Cronos Revista de História, 2002.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p. 15-37.
- GONZALEZ, Lélia. *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. Ciências Sociais Hoje: 223-244 p. 1984b.
- GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: Madel Luz (Org.). *O Lugar da mulher; estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. 146p. p. 87-106.

- GOMES, Carlos Magno. Ensino de Literatura: dos estudos de gênero a historiografia. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 22, 2013.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HOOKS, Bell. *Feminist Theory: from margin to center*. Boston and Brooklyn: South End Press Classics, 1984.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- MOREIRA, Osmar. *Um oswald de bolso: crítica cultural ao alcance de todos*. Salvador: Quarteto, 2010.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006. (Para entender).
- MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino & Masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O Sortilégio da Cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.
- RIBEIRO, Matilde. *Tornar-se negra*. Instituto Cajamar, nov/1995b.
- SCARPELLI, Marli Fantini; DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.). *Poéticas da Diversidade*. Belo Horizonte: UFMG/FALE: Pós-Lit, 2002.
- SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). *Literatura Afro-brasileira*. Salvador: Ceao; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- TELES, Maria Amélia. *Breve história do feminismo no Brasil*. Brasília: Brasiliense, 2003. 181 p.
- STREY, Marlene Neves; MATTOS, Flora B.; FENSTERSEIFER, Gilda; WERBA, Graziela C. (Org.). *Construção e Perspectivas em gênero*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- XAVIER, Elódia. *Declínio do Patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.
- ZOLIN, *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105 - 116, jul./dez. 2009.

